

“Uma pessoa direita entra em todo lugar”: interações sociais e econômicas de Ciganos Calons no sul do Maranhão

DOI: 10.12957/irei.2023.70145

Wellington da Silva Conceição¹
Janeide da Silva Cavalcante²

Resumo

O presente artigo traz os resultados de uma pesquisa sobre as interações sociais e econômicas desenvolvidas por ciganos Calons na cidade de São João do Paraíso, que se torna um fator ativo para a compreensão do processo de permanência dos mesmos no local, além de relações mais amistosas com os cidadãos. A partir de uma etnografia realizada na região sul do estado do Maranhão, analisamos como os ciganos, em um contexto que fora marcado por estereótipos e estigmas, conseguem reverter tal quadro e hoje manter interações mais próximas com os não ciganos, construindo relações de compadrio com os cidadãos e recebendo homenagens, como o título de cidadão concedido pelas contribuições à cidade. O movimento de compra e venda de casas, automóveis (os “negócios”), assim como o recurso às representações morais do trabalho contribuíram para a mudança no olhar sobre estes, fazendo com que desenvolvessem relações mais próximas com os não ciganos. Objetiva-se, assim, discutir como essas relações, em seus processos de constante negociação, conseguiram construir uma perspectiva moral positiva nessa cidade.

Palavras-chave

ciganos; estigma; trabalho; economia.

“The right person enters everywhere”: social and economical interactions of Calon Gypsies in southern Maranhão

Abstract

This article presents the results of a study into the social and economic interactions developed by Calon gypsies in the town of São João do Paraíso. This interaction has become a factor for understanding their process of remaining in the area, as well as their friendlier relations with the non-gypsy population. Based on an ethnography developed in the southern region of the Maranhão state, we analyzed how the gypsies, in a context that had been marked by stereotypes and stigmas, managed to reverse this situation, and today maintain closer interactions with non-gypsies, building relationships of friendship with the townspeople and

¹ Doutor em Ciências Sociais pela UERJ. E-mail: wellington.sc@ufma.br.

² Doutoranda em Ciências Sociais pela UFMA. E-mail: janeide.cavalcante@hotmail.com.

receiving tributes, such as the title of citizenship granted for their contributions to the town. The act of buying and selling houses and cars ("business"), as well as the use of moral representations of work, have contributed to a change in their outlook, causing them to develop closer relationships with non-gypsies. This article aims to discuss how these relationships, in their processes of constant negotiation, managed to build a positive morale in the town.

Keywords

gypsies. stigma. labor. economy.

Introdução

A presença de ciganos na cidade de São João do Paraíso (SJP)³ é notada antes mesmo da emancipação do município, quando ainda era um pequeno povoado. Por volta de 1960, grupos ciganos começaram a chegar a esse local. Contudo, houve receio e estranheza por parte dos moradores já consolidados. Tal reação se deu por não serem parte daquele círculo social e por sua condição étnica – diferenciada para os que ali habitavam.

O que motivou a vinda para a presente cidade, segundo um interlocutor cigano que fez parte do primeiro grupo⁴ a chegar, foi a “vida de cigano”, ou seja, costumavam viver “andando”, assim como comprando e vendendo casas. Acomodaram-se em um terreno que, naquele tempo, era distante do centro do povoado, onde construíram barracões. Desse momento em diante, outros grupos ciganos Calons⁵, que detinham relações de parentesco com o primeiro, começaram a chegar à cidade, como é o caso do grupo cigano que será o foco deste trabalho, que vindo, segundo seus relatos, do interior do Piauí, ainda “andadores”⁶, encontraram naquele local uma oportunidade de se estabelecerem. Reconheciam – apesar da sua importância – o peso e as dificuldades da vida de andanças e buscavam uma cidade onde pudessem permanecer por um tempo.

Os relatos dos nossos interlocutores ciganos, ao recordarem sua história na cidade, são sempre marcados por uma narrativa do “antes e depois”. Quando recém-chegados

³ Município da região sul do estado do Maranhão, criado em 10 de novembro de 1994. No período da chegada do primeiro grupo de ciganos, ainda era um povoado da cidade de Porto Franco (MA). Vale lembrar, no entanto, que a história que cruza os povos ciganos com o estado do Maranhão não é recente. Segundo Rodrigo Corrêa Teixeira (2009), os primeiros ciganos (que eram Calons) deportados para o Brasil foram inicialmente alocados no Maranhão com o intuito de serem mantidos longe dos principais pontos da colônia.

⁴ O primeiro grupo chegou sob a liderança do cigano Hilário, acompanhado por seus pais e irmãos. Alguns anos depois, chegaram outros grupos ciganos, como o de Raimundão (que hoje reside com seu grupo na cidade de Estreito -MA), e, mais tarde, Sebastião e seus familiares.

⁵ Categoria utilizada pelos ciganos colaboradores desta pesquisa para indicar a condição nômade do seu povo e que se tornou uma forma de autonegação, em contraste com a categoria “moradores”, utilizada para classificar os não ciganos da localidade.

⁶ Categoria utilizada pelos ciganos colaboradores desta pesquisa para indicar a condição nômade do seu povo e que se tornou uma forma de autoidentificação, em contraste com a categoria “moradores”, utilizada para classificar os não ciganos da localidade.

a SJP, os ciganos não tiveram uma aceitação imediata pelos citadinos e passaram a ter relações conflituosas com eles, marcadas pelos clássicos estereótipos⁷ e preconceitos criados sobre a pessoa cigana. Segundo Tião⁸, líder da família cigana que foi protagonista de nossa etnografia e nosso principal interlocutor, era comum serem chamados de ladrões, valentes e *trambiqueiros*, representações que provocaram medo e afastamento por parte dos locais. Os moradores de SJP, que desconheciam ciganos, os puseram sob vigilância e controle. Pode-se dizer numa perspectiva weberiana que os moradores locais se organizaram e balizaram a relação com os ciganos com diferenciação (Weber, 1999).

Entre uma relação conflituosa de distanciamento e exclusão até uma relação amistosa para que se tornassem “nossos ciganos”⁹, muitos anos correram. E hoje, ao observar a relação entre ciganos e não ciganos, percebemos o movimento inverso. Os ciganos se consideram aceitos e incorporados pelos citadinos. A maior prova dessa nova posição se dá pelo título de “cidadão paraisense”, concedido em 2017 pela Câmara de vereadores de SJP, primeiramente para Tião e depois para seu irmão, reconhecendo sua importância e bons serviços prestados para a cidade. O setor em que moram, diferentemente de outras cidades próximas, não é segregado: é valorizado e também ocupado por não ciganos, e hoje fica próximo ao novo centro da cidade. Ao explicarem essa mudança, dois elementos saltam nessa narrativa, que é a disposição para o trabalho, que os insere em um perfil moral que contrasta com aquele que permitia classificá-los como ladrões, e a contribuição para o desenvolvimento da cidade por meio de suas práticas econômicas.

Partindo da perspectiva de que os ciganos têm suas interações com não ciganos atravessadas por um estigma (Goffman, 2004), relacionado às centenárias crenças acusatórias sobre o seu povo que atravessaram a Europa e chegaram ao Brasil, o presente texto traz uma discussão de como ciganos em situações marcadas por práticas discriminatórias conseguem negociar e redirecionar estigma e preconceitos, passando a tecer relações amigáveis com a população local, principalmente por meio das suas práticas econômicas.

Não entendemos que a manipulação do estigma seja a única intenção dessas práticas, apesar de – no caso que investigamos – ser o seu principal efeito. As ações de cunho econômico exercidas pelos Calons de SJP, por exemplo, podem ser encontradas entre seus pares de outras localidades no Brasil e no mundo, práticas em que geralmente optam pela autonomia ou pelo autoemprego¹⁰, nos mostrando que tais escolhas não

⁷ Os ciganos são categorizados como ladrões, sujos, imorais e enganadores. Tais categorias colaboram para formular o que a antropóloga Ferrari (2002) designa de imaginário ocidental sobre os ciganos, sendo que tais estereótipos também perseguem os ciganos em terras brasileiras.

⁸ Tião afirma estar em SJP há mais de 20 anos. Seu nome assim como os dos demais colaboradores apresentados neste texto são fictícios, visando preservar a identidade dos informantes.

⁹ Trata-se de uma expressão ouvida algumas vezes em campo, utilizada pela população da cidade para se referir aos ciganos que ali habitam.

¹⁰ Destacamos a etnografia de Fotta (2012), junto aos Calon da Bahia, que têm na prática de agiotagem sua principal atividade econômica.

constituem só uma forma de sobrevivência e ganho financeiro, mas também uma estratégia para manter e viver sua ciganidade. Segundo Piasere (1985) há uma recusa por parte dos ciganos em se engajar nos trabalhos assalariados como uma forma de sustentar seu processo de construção identitária, entendendo a submissão ao emprego como uma forma de total assimilação. As práticas escolhidas pelos Calons de SJP – venda de casas, automóveis e empréstimo de dinheiro, o que chamam de “negócios” (Goldfarb; Dantas, 2020) – os inseriram no sistema de trocas econômicas locais, sem se diluir identitariamente diante dele. Como apontam Brazzabeni, Cunha e Fotta (2016):

Ethnographies of Roma and Gypsy communities are of particular heuristic significance because they describe a type of economy that is embedded in the modern economic system and created in relation to a milieu from which it cannot be dissociated, but which nevertheless cannot be fully characterised with reference to the modern economic system alone (such as being ‘outside’ it) without looking at the material processes that in each instance went into its fabrication. (Brazzabeni; Cunha; Fotta, 2016, p. 1)¹¹

O modelo econômico dos Calons de SJP os coloca em um novo posicionamento social diante das relações com os moradores locais. A percepção dessa relação vai desde a compreensão da importância dos Calons para o desenvolvimento da cidade a partir da compra e venda de imóveis, até mesmo ao prestígio de alguns pertencentes à comunidade cigana dentre uma “elite” do município.

Essa pesquisa realizou-se entre 2018 e 2021, junto a uma família de ciganos Calons residentes em SJP¹². Neste artigo, apresentamos um recorte dessa investigação, na qual destacamos o processo de chegada à cidade e as relações estabelecidas com a população local diante dos preconceitos e práticas discriminatórias sofridas e o processo de negociação realizado também a partir das trocas econômicas para que pudessem contar a sua história e manipular o estigma a eles direcionado. A metodologia utilizada para obtenção dos dados analisados foi a etnografia, com recurso à observação direta e conversas informais (Whyte, 2005; Rocha; Eckert, 2008) junto aos nossos colaboradores.

A chegada à cidade: o estigma e os estereótipos

Cabe destacar novamente que a presença de ciganos nesse município – onde chegaram há mais de meio século – já é parte do cotidiano da cidade, mesmo que ainda não totalmente normalizada. Podemos dizer que os Calons de SJP são cofundadores da

¹¹ “As etnografias das comunidades ciganas têm um significado heurístico particular porque descrevem um tipo de economia que está embutido no sistema econômico moderno e criado em relação a um meio do qual não pode ser dissociado, mas que, no entanto, não pode ser totalmente caracterizado apenas com referência ao sistema econômico moderno (como estando “fora” dele) sem olhar para os processos materiais que em cada caso foram necessários para a sua fabricação” (Tradução dos autores)

¹² Em SJP residem dois núcleos familiares ciganos: o capitaneado por Tião (o grupo com o qual realizamos a pesquisa) e o que tem Hilário como patriarca. O núcleo familiar de Tião é composto por aproximadamente 40 pessoas que residem em 10 casas, sendo 8 delas no mesmo setor da cidade (Maciel) e é o que mais se destaca na cidade, sendo desse grupo os ciganos agraciados com o título de Cidadão Paraisense. Vale ressaltar que esses grupos, apesar de não apresentarem rivalidade, não cultivam atividades em comum.

cidade, desenvolvendo suas atividades no local antes mesmo da criação do município. Ressaltamos que ainda não é totalmente normalizada, pois, por mais que a cidade seja mais hospitaleira com os nossos interlocutores do que há algumas décadas e o processo de manipulação do estigma por parte dos ciganos pareça bem-sucedido, a aceitação não eliminou totalmente as representações negativas sobre tal grupo étnico. No máximo, a população reconhece que os seus ciganos são diferenciados dos demais, como mostraremos adiante.

Da chegada aos dias atuais, a relação entre ciganos e não ciganos mudou de forma drástica. Em trabalho anterior, a pesquisadora Janeide Cavalcante (2018) pôde entrevistar um cigano que pertencia ao primeiro grupo de Calons que chegaram a SJP. Em seus relatos ele ressaltou como as pessoas evitavam contato com estes, e que, quando eles pediam auxílio ou iam à casa de um morador, fechavam-se as portas. Para esse interlocutor, quando recém-chegados à cidade, os ciganos foram rejeitados de forma ativa pela população, eram naquele momento *outsiders*, em contrapartida à população, que eram os *estabelecidos* naquele local. (Elias; Scotson, 2000)

Após a chegada do primeiro grupo cigano a SJP, outros seguiram os trilhos e vieram se estabelecer na cidade. Desse modo, a vinda da família do Sebastião se deu na década de 90, incentivada pelos parentes da mãe com outro grupo de ciganos que já residiam na cidade, mas cabe destacar que antes da sua chegada já haviam parado em municípios próximos, nas imediações da cidade de Imperatriz (MA). Quando recém-chegados à cidade, ficaram com o grupo do cigano conhecido como Raimundão, como afirmou Rosa;

Quando chegamos aqui nós fomos morar com o Raimundão, nós não tínhamos muita condição, aí nós fomos fazer as barraquinhas de palha, aí fomos morar debaixo, aí graças a Deus fomos indo, trabalhando... o Tião ajudando eles, aí hoje, graças a Deus, temos casa boa, carro e moto (Rosa, em março de 2020)

Segundo Tião, quando chegaram à cidade, não passavam despercebidos. Além de serem estrangeiros em um espaço extremamente marcado pela pessoalidade do interior (Prado 1995), destacavam-se também por usarem vestimentas e adereços próprios da sua cultura, o que causava estranhamento e ativava os estereótipos já conhecidos sobre os ciganos e resultava em interações prioritariamente marcadas por conflitos.

Tião destacou – como exemplo desse conflito nas interações – a relação com os comerciantes em seu período inicial na cidade: os proprietários tinham medo da presença dos ciganos nas lojas e demonstravam isso sem pudores. Mesmo quando entravam em um comércio para as compras habituais, costumavam ser acompanhados e vigiados por algum funcionário. A recusa da venda por fiado (instituição comum nas cidades pequenas, especialmente há duas décadas, quando Tião chegou à cidade), foi uma experiência vivida algumas vezes por nosso principal interlocutor e lembrada como mais um episódio da discriminação que sofria por ser cigano. Em uma das vezes que aconteceu, nosso interlocutor nos contou que, logo depois da

recusa do fiado, recebeu um dinheiro e voltou à loja para adquirir o produto, comprando-o à vista e recusando o desconto oferecido pelo vendedor constrangido.

Esse tratamento no comércio, em outros setores e por outros sujeitos da cidade, certamente se dava, pois, segundo as crenças dos moradores mais antigos, os ciganos eram os protagonistas dos problemas morais/comportamentais da cidade. Inclusive, no vocabulário local, a palavra “cigano” – por um bom tempo – passou a indicar uma categoria de acusação. Denominar uma pessoa como cigana indicava uma forma de qualificação e hierarquização, deixando implícita a possibilidade de que a índole daquele indivíduo supunha a de alguém predisposto a cometer vários delitos.

Ao chegarem à cidade, os ciganos se fixaram em um local sem casas construídas, onde passaram a ser os primeiros moradores. Esse lugar, conforme citado, era periférico, longe do que na época poderia se considerar o centro do então povoado¹³. Talvez até como forma de reação às possíveis discriminações vividas em outros lugares, fixaram-se em bairros distantes da população em geral, e o local passou a absorver a marca cultural e social dos seus ocupantes. Tal bairro, por anos, foi chamado de setor ou bairro dos ciganos. Inicialmente, o próprio espaço passou a ter uma marcação devido à origem dos seus primeiros moradores. As representações prévias sobre esses sujeitos e seus traços culturais peculiares para os demais da população passavam a caracterizar pejorativamente também aquele espaço, causando aquilo que Bourdieu chamou de *efeitos de lugar* (2008)¹⁴.

A partir do que encontramos no trabalho de campo, acreditamos que os predicados negativos atribuídos aos ciganos em SJP podem ser analisados à luz do estigma, categoria analítica destacada por Goffman (2004). Estigma é um conceito que o autor utiliza para pensar as interações e manipulações nas representações de uma dada identidade. É um atributo distintivo a pessoa e grupos, uma propriedade. É, de certo ponto, profundamente depreciativo, uma característica evidenciada nas relações sociais, sendo um tipo de atributo de uma identidade Social. Goffman destaca três tipos de estigmas sociais: os voltados às “abominações do corpo”, os das “culpas de caráter individual” e, por último, os de “raça, tribo, nação e religião”. O último tipo é o que mais se encaixa no caso dos ciganos. Segundo Tião, devido a todos os maus predicativos a eles atribuídos, a população local não confiava neles e os classificava, categorizando-os a partir da possibilidade de tais características ruins, entre elas, os boatos de envolvimento com roubo ou os ímpetos de valentia.

¹³ Conforme aponta Ferrari (2002) “[...] Etnografias revelam que o estabelecimento à margem da cidade constitui um hábito entre os ciganos, seja por questões burocráticas, práticas ou simbólicas.” (Ferrari, 2002, p. 133).

¹⁴ Segundo Bourdieu, “A estrutura do espaço social se manifesta, assim, nos contextos mais diversos, sob a forma de oposições espaciais, o espaço habitado (ou apropriado) funcionando como uma espécie de simbolização espontânea do espaço social. Não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais” (Bourdieu, 2008, p.160).

“Uma pessoa direita entra em todo lugar”: redirecionando e negociando os estereótipos e estigma

Para Goffman (2004), os estigmatizados podem criar estratégias para conviver com o estigma que lhe foi atribuído e/ou diminuir seus efeitos no cotidiano. A esse movimento, o autor dá o nome de manipulação. Segundo o mesmo:

A manipulação do estigma é uma ramificação de algo básico na sociedade, ou seja, a estereotipia ou o "perfil" de nossas expectativas normativas em relação à conduta e ao caráter (...) Há uma ideia, popular de que embora contatos impessoais entre estranhos estejam particularmente sujeitos a respostas estereotípicas, na medida em que as pessoas relacionam-se mais intimamente essa aproximação categórica cede, pouco a pouco, à simpatia, compreensão e à avaliação realística de qualidades pessoais. (...) A área de manipulação do estigma, então, pode ser considerada como algo que pertence fundamentalmente à vida pública, ao contato entre estranhos ou simples conhecidos, colocando-se no extremo de um continuum cujo polo oposto é a intimidade. A ideia de tal continuum, sem dúvida, tem alguma validade (Goffman, 2004, p.46-47).

A intimidade, a convivência e a oportunidade de mostrar e contar as histórias sobre si são formas eficientes de manipular o estigma. Essas estratégias ficam visíveis nas ações dos ciganos em SJP para melhorar as interações com os não ciganos. Pensando as relações entre ciganos e não ciganos a partir de uma dinâmica do “tempo de parada” (Monteiro, 2019), o tempo vivido em um determinado local possibilita uma negociação sobre as informações circuladas sobre eles, ou seja, existe um tipo de negociação sobre os ditos dos ciganos. Apesar dos anos de residência na cidade, eles reconhecem ainda existir preconceito por parte dos moradores. Porém, no processo em que se firmam em um lugar (que consideram bom para moradia), os ciganos buscam manipular sua identidade étnica, negociando e redirecionando os estereótipos e preconceitos, ressignificando essa identidade e libertando a imagem do cigano – ou pelo menos destes – do estigma.

Durante nossas conversas com os ciganos, buscávamos identificar os preconceitos percebidos e vivenciados por eles no dia a dia. Tais questionamentos sempre eram recorrentes com os entrevistados e, em uma tarde, enquanto conversava com Francina, filha de Tião, ela destacou:

Tem muito morador aí que tem preconceito com cigano, acha que rouba isso e aquilo, mas nem todos são assim. Nem todos os moradores conhecem a vida dos ciganos, como o meu pai falou naquele dia. A época que nós chegamos aqui a gente não tinha conhecimento com o povo e eles ficaram julgando a gente, dizendo que era ladrão, e tudo isso. Aí hoje, nós estamos morando aqui há mais de 20 anos, aí eles já sabem quem somos nós, que estamos trabalhando aqui.

A rotulação de ladrões é certamente uma das mais ofensivas formas de classificação moral que enfrentaram. Mas, na convivência com os moradores na cidade,

estes perceberam o quanto os ciganos eram diferentes do seu imaginário. Na maioria dos diálogos destacados na pesquisa, é visível como eles, ao relatarem os preconceitos, realçam que não agem/não são dessa forma. Buscam evidenciar o motivo dos estereótipos e acentuar como seu grupo cigano é diferente, não se enquadrando em tais classificações, e que hoje detém uma imagem positiva na cidade.

A relação entre os atores sociais é marcada pelo controle da informação, porém o contato contínuo permite a percepção de atributos capazes de caracterizá-lo como estigma, ou alguma propriedade depreciativa. O contato com outro também tem relevância na manutenção de um papel já definido. Goffman (2013), ao discorrer sobre a interação face a face, destaca que cada ator desempenha um papel em relação a outros, e nesse papel, este pode obscurecer certas informações.

Ao pensar numa representação, é fácil supor que o conteúdo da encenação é somente uma extensão expressiva do caráter do ator e ver a função da representação nesses termos pessoais. Esta é uma concepção limitada e pode obscurecer diferenças importantes na função da representação para a interação como um todo. (Goffman, 2013, p. 76).

Diante disso, “[...] O estigma e o esforço para escondê-lo ou consertá-lo fixam-se como parte da identidade pessoal” (Goffman, 2004, p.76). Desse modo, a identidade pode ser pensada de forma estratégica, quando em um “tipo extremo de estratégia de identificação consiste em ocultar a identidade pretendida para escapar à discriminação” (Cuche, 1999). Percebendo assim, há a manipulação da identidade perante o outro.

Os ciganos, para demonstrar sua imagem positiva na cidade, destacam as relações desenvolvidas com os não ciganos, enfatizando que “Aqui todo mundo me conhece, de Porto Franco¹⁵ para cá. Eu só mando recado e as pessoas mandam as coisas para mim. Uma pessoa direita entra em todo lugar, não é?”. Nesse sentido, tais relações amigáveis ainda encontram na confiança um porto, e tal confiança advém de uma desconstrução a respeito da imagem estereotipada recebida ao chegar ao município. Essa nova imagem – e sua positividade moral – passa principalmente pelo reconhecimento como pessoas honestas e cumpridoras de seus deveres legais: “Agora, em qualquer comércio que entro eu compro fiado ou à vista. Em nome de Jesus. Tudo que tenho é graças a Deus” (Tião).

Herzfeld (2008) explora as movimentações dos atores sociais, com suas adaptações e estratégias para compreensão de dada realidade social. Além disso, mostra como esses atores reificam papéis e identidades sociais em suas relações. O autor utiliza a *Intimidade Cultural* para compreensão dos detalhes marginais e interpretação da realidade social, usando estereótipos para, a partir da intimidade dessas rotulações, perceber como os atores agenciam e negociam tais imagens, mesmo sendo negativas. As interações sociais são assim marcadas pelas reificações de papéis e identidades. Ao discorrer sobre *Definições e Fronteiras*, o autor apresenta o termo étnico como um termo moral, por implicar “uma diferenciação qualitativa entre os de dentro e os de fora” (Herzfeld, 2008, p.113).

¹⁵ Município vizinho, ao qual SJP fazia parte antes da sua emancipação.

As contribuições de Herzfeld para essa análise adensam o debate de pensar os ciganos como *estrangeiros*, indicando serem essas referências morais impositivas à identidade social. O autor discorre ainda sobre uma fusão da identidade social à moralidade, e, por isso, “os forasteiros permanecem inferiores aos nativos” (Herzfeld, 2008, p.115). Analisa os estereótipos de forma contextualizada, buscando entender como os atores agenciam esses rótulos impostos, fomentando a discriminação negativa a eles. A partir da pesquisa de campo e do maior contato com o grupo familiar de Tião, o mesmo falava dos preconceitos sofridos por eles em sua chegada e pelos quais ainda passam na cidade. Segundo Tião, tal fato se deve a outros ciganos malfeitores cuja perversão imprimiu na população da cidade o descrédito e a desconfiança, e estes acabaram sendo englobados nessas representações.

Eles falavam sobre os moradores locais não conhecerem a vida de todos os ciganos e sobre o seu grupo ser diferenciado em relação a outros grupos que já estiveram na cidade. A partir da fala de Tião, pode-se ver como ele retira de seu grupo e de si as acusações impostas e passa tais representações para os outros da sua etnia. Essa estratégia de retirar os estigmas de si e direcionar a outros é apontada por Conceição¹⁶: “A esses sujeitos (ou grupos) especificamente são endereçadas todas as acusações que são ou podem ser remetidas à coletividade como uma estratégia de purificação da imagem. Chamo essa prática de reendereço do estigma” (Conceição, 2018, p. 259).

Redirecionar o estigma é uma forma de retirar de si a marca negativa e limpar a imagem, criando outra moral frente à sociedade, a fim de buscar uma nova construção de identidade étnica (aos ciganos) como pessoas boas, sem os estereótipos atribuídos à maioria dos seus. Diante disso, Tião destaca o fato de os ciganos terem construído uma nova moral frente aos estereótipos e preconceitos, conforme seu relato, “A moral, nós fomos trabalhando e eles foram vendo que a gente estava trabalhando, certinho, direito”. Durante o trabalho de campo, sempre citavam histórias de outros ciganos agindo de forma errada, justificando o fato de toda a população ter receio. Tal prática também foi identificada por Souza (2017), que em seu contexto pesquisado – um acampamento no Rio de Janeiro –, observou que os ciganos, diante dos estereótipos de “ladrão, velhaco e trapaceiro”, não os negavam, porém os imputavam a outros ciganos.

Ao adentrar a sociedade paraisense, eles não ocultam a pertença étnica, pelo contrário, firmam sua condição como ciganos e buscam estabelecer melhores relações com a população local, a fim de se fixarem na cidade, mantendo negócios com os locais. Ademais, destacam que vivem apenas no seu grupo visando à manutenção de uma moral diferenciada daquela apontada nos estereótipos, para não ocorrer nenhum problema que seja motivo de novas representações negativas.

Assim, conforme relatos de Tião, eles não pretendem ir embora da cidade, pois a consideram boa para morar, pois vários ciganos foram embora e se arrependeram, por ser uma cidade “Muito boa, onde todos conhecem a gente, não pretendemos ir embora”. Rosane

¹⁶ Conceição (2018) se utiliza de tal categoria analítica para demonstrar como os moradores de condomínio populares no Rio de Janeiro – que foram construídos por programas sociais – se utilizam da condição de moradores de um condomínio como limpeza moral do estigma advindo de sua origem favelada.

Prado (1995) identificou como o contexto social era marcado pela *peessoalidade* em uma cidade de pequeno porte (Cunha - SP). Nesse tipo de cidade, todos os moradores se reconhecem, sempre se sabe com quem se está falando, sempre se é uma “pessoa”. Em Cunha, segundo a autora, não se podia ser indivíduo, ou seja, “um cidadão entre outros, não identificado, em uma situação de impessoalidade e de igualdade, com ausência de privilégios e discriminações” (Prado, 1995, p. 34).

Essa relação de pessoalidade tem como consequência formas de reconhecimento e de relações pessoais, que traz consigo a confiança, algo básico nesse sistema, “na medida em que todos são identificados, ou rapidamente identificáveis, pela relação com alguém” (Prado, 1995, p. 38). Sendo assim, em Cunha, a partir do reconhecimento se gera confiança, não havendo a necessidade do uso de documentos, pois o fato de ser reconhecido por alguém já comprova quem é a pessoa. O sistema de crédito que permite compras em quitandas e comércios com anotações em cadernos para serem pagas no fim do mês, segundo a autora, é requerido por meio da confiança e do reconhecimento.

O cenário retratado em Cunha é similar ao de SJP. Sendo uma cidade pequena do interior do Maranhão, as relações também são marcadas pela *peessoalidade*, situação facilmente perceptível nas nossas visitas, durante a pesquisa de campo. Os ciganos da família do Tião, quando recém-chegados à cidade, foram considerados estrangeiros e, aos poucos, foram adentrando esse sistema de relações, sendo importante destacar o fato de eles afirmarem serem conhecidos por todos na cidade, e tal reconhecimento permite aos ciganos adentrarem as relações de pessoalidade.

Tal confiança é algo a ser destacado nas relações de pessoalidade, conquistada a partir desse processo, pois, como os próprios ciganos afirmam, agora compram em qualquer loja, inclusive a prazo, algo que não conseguiam em suas primeiras décadas na cidade. Como em Cunha, comprar a prazo nas lojas e comércios de SJP não precisa de documentos, mas sim da confiança gerada pelo ato de conhecimento dessa pessoa.

Outro ponto a ser destacado, e que nos informa dessas relações mais próximas com a população local, é o compadrio. Entre as nossas observações de campo, era comum a chegada de moradores locais que à tardinha aproveitavam para conversar ou finalizar negociações na casa de Tião. Certo dia, observamos a madrinha de um dos filhos de Tião, em conversa com ele, perguntar sobre o afilhado e por que este não havia mais a visitado. O motivo de eles oferecerem os filhos para moradores locais, se deve, segundo nosso informante principal, às relações mais próximas desenvolvidas na cidade.

A construção de uma imagem positiva a seu respeito, conforme destacado por Tião e seus familiares, aos poucos permitiu o desenvolvimento de relações de amizade com os moradores de SJP e a permanência no município. Vivendo há mais de 20 anos nessa localidade, sempre negociando e se estabelecendo como ciganos, permitiu que se considerarem grandes contribuidores na construção e expansão da cidade. Em uma das nossas primeiras visitas, o Tião falava da importância do trabalho e de não se envergonhar de trabalhar, destacando que “já trabalhei até pegando lixo na rua, não

tenho vergonha de contar minha vida não, e fui começando até que Deus me deu minhas coisas para trabalhar”.

Em outras oportunidades, sempre reforçava como o trabalho era algo próprio dos ciganos e, em pelo menos uma ocasião, ele nos falou a seguinte frase “cigano pari, já está trabalhando”. Destacava como a dedicação deles ao trabalho fez a população local mudar a visão sobre os ciganos, pois como disse: “ se a pessoa trabalha direito, não se tem mais preconceito. Eu sou de dentro da casa das pessoas”.

Segundo Tião, as suas transações econômicas/comerciais mostraram aos moradores da região que os ciganos não eram ladrões e sim aquelas pessoas trabalhadoras, que estavam construindo uma moral frente à sociedade. Cynthia Sarti (1994) discorre sobre o valor do trabalho para famílias populares em um bairro do município de São Paulo¹⁷. A autora, a partir do seu campo, conclui que o trabalho é percebido mais do que como um meio de sobrevivência material, pois há benefícios morais no exercício dessa atividade.

O valor do trabalho não se inscreve apenas na lógica econômica do mercado, mas constrói uma ideia de autoridade moral, adicionando outros valores que também servem como adjetivo para os seus portadores: honestidade, honra e orgulho. No imaginário das classes populares brasileiras, a oposição óbvia ao banditismo não é necessariamente a honestidade, mas o vínculo ao trabalho. Não à toa, por alguns séculos da nossa história, a vadiagem foi crime com pena de prisão, e somente os documentos que provassem sua condição de trabalhador podiam livrar – sem muito esforço – um acusado de tal prática da prisão.

O trabalho que é pontuado não se refere ao trabalho de forma proletária, dentre as observações no trabalho de campo, não observamos nenhum cigano que estivesse regularmente empregado ou em atividade formal, mas o valor do trabalho era atribuído às construções de suas casas, ao cuidado com seus bens e propriedades adquiridas, sendo eles mesmos os empreiteiros das obras.

É interessante ressaltar que, mais do que a categoria trabalho, os ciganos de SJP se referiam as suas práticas econômicas como “negócios”, especialmente nas conversas entre si. Por várias vezes, na convivência com a família cigana, na porta da sua casa, víamos os homens se retirarem, comunicando que iam resolver negócios. Goldfarb e Dantas (2020) já apontaram, a partir de uma revisão bibliográfica em trabalhos etnográficos, como essa categoria tem, nas comunidades ciganas Calons, uma importância simbólica para definir suas atividades de ganho financeiro. Segundos tais autores, os ciganos, por não serem requisitados para trabalhos formais, dado os estereótipos construídos socialmente a respeito deles, encontram no mercado informal, no fazer negócios, meios de subsistência material.

¹⁷Ao identificar o valor do trabalho para moradores pobres da periferia de São Paulo, ela passou a observar as várias denotações negativas atribuídas a eles e é então a partir do trabalho, quando essas pessoas podem se igualar com as outras, utilizando-se da “honestidade, e sua predisposição de vencer” (Sarti, 1994, p. 120), requeridos pelo valor positivo do trabalho.

A partir das observações do nosso campo, concordamos com as análises de Goldfarb e Dantas (2020) sobre como o fazer negócio é importante para os ciganos, para obtenção e posse de bens, que são socialmente valorizados. Defendemos que essa opção se dá principalmente em um contexto em que o acesso ao mercado formal não só é mais difícil como contrasta com alguns princípios cosmológicos do povo Calon. Mas, acreditamos – a partir dos dados das nossas observações em campo – que há um uso da categoria trabalho quando tentam explicar a importância e o valor moral das suas atividades. O negócio vira trabalho. Nesse sentido, a vinculação entre ciganos e trabalho é utilizada por esses interlocutores como fator importante na construção de relações mais amenas na cidade de SJP.

É interessante ressaltar que o trabalho como valor moral é algo presente não só na periferia de São Paulo, como aponta a pesquisa de Sarti (1994), mas nas camadas populares brasileiras como um todo. O “negócio” pode ser um valor para os ciganos, mas, ao afirmarem que são trabalhadores, que suas práticas econômicas são formas de trabalho, também dialogam com um importante elemento para a compreensão moral dos seus interlocutores, criando formas de limpar e dignificar a sua imagem, dentro do processo de controle e manipulação das informações e impressões (Goffman, 2004).

“Nesse bairro, fui eu quem construí várias casas”: as trocas e vendas

Em tempos passados, os ciganos da família de Tião construíam suas casas, moravam nelas e depois as vendiam. Era comum eles edificarem uma casa de alvenaria, vendendo-a em seguida, e mudarem para uma de palha. Quando indagávamos sobre as rendas deles, do que sobreviviam, Rosa, que é casada com Ramon, pontuou que “Eles vivem disso, de trocas, compra vende, faz casa e vende, compra moto e vende. É assim, o jeito deles viverem é assim” (Rosa)

Tal prática acabou se tornando a principal forma de os ciganos locais fazerem dinheiro e reconhecerem-se (e serem reconhecidos) trabalhadores. Por ser comum fazerem isso na cidade, tal fato intrigava os moradores, fazendo-os pensar o porquê de eles saírem de uma casa confortável, retornando ou adentrando em uma sem conforto. Esse questionamento foi respondido durante o campo. Conforme as cunhadas de Tião, isso era algo do ser cigano, pois, eles viviam disso – de fazer uma casa e vender por um dinheiro maior, algo que também foi reafirmado pelo Tião.

Como já apontamos, o local que habitam é conhecido por setor, ou, bairro dos ciganos, pois foram responsáveis pela sua expansão, principalmente pela construção e venda de casas. Posteriormente, o bairro também passou a contar com a presença de não ciganos. Com o passar do tempo, o grupo de Tião se fixa em algumas casas (por pedido da matriarca, a sua mãe idosa), decidindo não a vender, mas tendo sempre outras casas para venda ou troca.

Os ciganos de SJP, até por conta desse processo de construção e venda de imóveis, se consideram grandes contribuintes para a construção e expansão da cidade. Segundo

Tião, “todos conhecem a gente, na época que eu cheguei aqui nesse bairro fui eu quem construí várias casas. Ajudei muito, fiz várias casas”. Os ciganos ficaram assim conhecidos pela venda de casas e como responsáveis pela expansão do Setor Maciel, atualmente composto por moradores ciganos e não ciganos.

A permanência na cidade, com um endereço fixo, assim como os moradores, afasta a imagem de estrangeiros e, sendo assim, pode-se pensar que quanto mais fixos na cidade, menos a população local apresenta resistências. Quanto menos andarilhos parecerem os ciganos, mais se relacionarão com a população local.

De acordo com o Tião, para o seu grupo familiar, são os homens que saem para trabalhar e dar sustento à casa. As mulheres ficam responsáveis pelo cuidado das crianças e da casa. Dentre as visitas, era muito comum não encontrar o Tião ou os irmãos em casa, estes estavam resolvendo algo referente às suas negociações. O sustento da casa é uma atribuição masculina, que se dá a partir das negociações, trocas e construções de casa. Foi por meio desse tipo de trabalho que eles conseguiram adquirir bens, que hoje utilizam em suas negociações.

Voltamos a uma discussão que iniciamos na introdução do texto: a relação entre as transações comerciais/econômicas e a construção identitária dos ciganos. Segundo Souza (2017), as influências do nomadismo na identidade e nas práticas dos ciganos não ficam restritas aos processos migratórios, mas também podem ser identificadas pela forma como se organizam e movimentam dentro de um mesmo bairro e cidade. Ao não se importarem em permanecer em uma mesma casa e nem em recomeçar sua moradia em condições inferiores à já conquistada, se perceberam disponíveis para aproveitar uma oportunidade em uma cidade em crescimento. Não se pode negar que é provável que os mesmos, diante da exclusão sofrida, teriam dificuldades para se inserir nos empregos oferecidos na cidade, e, por isso, acabaram aproveitando o nicho¹⁸ disponível em uma cidade em expansão. Concordamos com Day, Stewart e Papataxiarchis (1998) que, baseados em outros contextos com presença de grupos marginalizados, apontaram que mesmo essas práticas econômicas/comerciais sejam uma resposta à exclusão/marginalização, elas também podem ser uma escolha cosmológica.

Algo perceptível entre os ciganos Calons, residentes em SJP é que estes “[...] parecem não se importar em serem “ciganos” diante dos gadjes, pois tal atitude garante que eles possam ser Calons para si mesmos” (Ferrari, 2010, p. 23). No entanto, mostrarem-se como “bons ciganos”, como diferentes dos demais, torna-se importante. A despeito de todas as diferenciações, estigma e preconceitos sofridos pelos ciganos na cidade, eles apontam que a mudança da sua imagem nesse município se deu por possuírem boas relações com a população local e porque puderam ver – com o tempo –

¹⁸ Quanto à questão do nicho, é interessante ressaltar o que discutem os estudiosos de economia cigana: não podemos reduzir as escolhas das oportunidades à lógica do mercado, criada por não ciganos. Precisamos considerar que “os significados, as motivações e a organização das actividades produtivas não podem ser discernidos apenas a partir da natureza do sistema económico, mas são informados por valores e significados que surgem no seio da socialidade cigana”. (Brazabenni; Cunha; Fotta, 2016, p. 13) (Tradução dos autores).

quem são os ciganos. E o fato de construírem e comercializarem imóveis e automóveis, promovendo a construção de um bairro, foi essencial para que pudessem acoplar à sua identidade a alcunha moral de trabalhadores.

As trocas entre ciganos e não ciganos mostram laços de amizades e negócios entre as partes, e a cidade é apontada pelos ciganos como um local tranquilo e bom para se viver, tanto por ser pequena, como pelos laços criados com a população local, com quem negociam. Tião sempre reafirma não pretender sair da cidade. Vale ressaltar que as trocas de mercadoria são atividades comuns entre os Calons, algo também evidenciado em outros contextos de pesquisa com esses ciganos (Monteiro; Alcântara, 2020; Ferrari, 2010).

Marcel Mauss (2003) discorre sobre as trocas e transações cumprirem funções sociais em determinadas sociedades humanas, destacando a moral que advém de tais transações, para além apenas de fins econômicos e a respeito desse fato, Mauss discorre sobre as trocas “[...] nunca se constata, por assim dizer, simples trocas de bens, de riquezas e de produtos num mercado estabelecido entre os indivíduos. Em primeiro lugar, não são indivíduos, são coletividades que se abrigam mutuamente, trocam e contratam” (Mauss, 2003, p. 190).

Diante disso, pode-se perceber como as trocas entre ciganos e não ciganos cumprem outras funções, além da econômica, seja permitindo um processo de construção identitária, ou seja, estabelecendo relações de reciprocidade e confiança entre moradores e ciganos. As trocas e vendas são apontadas como algo que é parte do ser cigano e emerge como possibilidade de sustento, pois é através dessas transações que sobrevivem. Como destacado por Leite (2020) em sua pesquisa com ciganos Calon em Estreito (MA):

O fato de tais mecanismos garantirem o sustento de suas famílias não significa, em minha ótica, que os ciganos visam apenas o lucro, pois mais do que lucratividade, os ciganos estabelecem relações sociais com os não ciganos, um fato que ficou evidente em minha observação participante quando alguns negociavam com os gadjé (ou gadjo) eles apresentavam seus familiares e faziam perguntas acerca da vida particular de seus clientes, como se quisessem estreitar laços. (Leite, 2020, p. 59).

Ainda segundo Leite (2020), em seu contexto pesquisado, os valores simbólicos dos bens trocados excedem o valor das coisas. Tais relações compõem um mecanismo para os ciganos escaparem do estigma social por meio do estreitamento de laços, e trocando com os moradores locais, eles tecem relações mais confiáveis com estes. Sendo assim, tais trocas “[...]sociologicamente, é mais uma vez a mistura das coisas, dos valores, dos contratos e dos homens que se acha assim expressa.” (Mauss, 2003, p. 222). Tais redes de negociações não ocorrem somente na cidade em que moram, mas, também, em outras do entorno, pois costumam circular por essas cidades para negociarem.

O processo de socialização e da criação de uma sociabilidade cigana em meio à cidade é evidenciado pelo fato de duas pessoas do grupo de Tião receberem título de cidadão paraisense, pois demonstra o reconhecimento, pelas autoridades locais, das

contribuições destes no desenvolvimento do município, como destacado no documento, pelas negociações e construções desenvolvidas junto à comunidade local.

Considerações finais

Durante a nossa pesquisa, conversamos com alguns moradores da cidade. Uma das falas que refletia um sentimento de muitos interlocutores não ciganos chamou nossa atenção, no que se refere à discussão que levantamos neste artigo. Cláudio, morador de SJP, ao definir o que são ciganos, discorre que “em especial os de nossa cidade são pessoas tranquila e de boa convivência, se adaptaram ao nosso município, e a população mesmo com todas as diferenças soube acolher”. Diante da fala, pode-se perceber como o entrevistado coloca os ciganos com quem convive como diferenciados, ao frisar “os da nossa cidade”.

Ao destacar os ciganos com quem interage, ele põe em questão que outros membros desse grupo étnico poderiam não ser tranquilos e amigáveis como os de seu município. Percebe-se que, apesar da particularização da experiência com os ciganos de SJP reduzir os efeitos do estigma nas interações nessa cidade, não significou a superação dos estereótipos pejorativos atribuídos aos mesmos. Passam a ser identificados, na maioria das vezes, como um caso particular.

A partir da fala desse morador e dos ciganos com que interagimos, fica claro que o projeto baseado em diminuir os efeitos do estigma contra esse grupo étnico em SJP deu certo. A partir da ética do trabalho demonstrada por meio de suas práticas econômicas/comerciais e do redirecionamento do estigma aos ciganos que “não agiam de forma adequada” puderam negociar as imagens e representações, reconstruindo-as em uma perspectiva mais positiva. O próprio fato de o local, antes conhecido como setor dos ciganos, hoje ser conhecido como setor Maciel, estar em uma região que hoje é área central da cidade e possuir vários moradores não ciganos demonstra que os receios dessa interação interétnica vão se diluindo aos poucos, mesmo que os preconceitos não se findem totalmente¹⁹.

Dessa forma, a partir das discussões teóricas, ressaltou-se como em relações marcadas por uma identidade estigmatizada existe um esforço em esconder o estigma ou mesmo o empenho na manipulação e controle das informações (Goffman, 2004). No entanto, devemos ressaltar que certas práticas que contribuem na sua superação podem gerar tal resultado, por vezes, por conta de uma fortuita combinação de elementos do que uma perseguição consciente do objetivo. Ao desenvolverem suas transações econômicas e comerciais na cidade (os “negócios”), os Calons de SJP não pretendiam se tornar figuras importantes do crescimento e desenvolvimento da cidade, mas garantir a própria sobrevivência sem ferir sua condição identitária, entrando no sistema econômico

¹⁹ Leite (2020) aponta que o bairro Madre Paulina, onde habitam os ciganos de Estreito (MA), se tornou um bairro rejeitado pelo setor imobiliário da cidade, pois consideram que a presença desse grupo étnico desvaloriza o local.

local a partir dos seus princípios cosmológicos e de forma autônoma, como muitos outros grupos ciganos no Brasil e no mundo. Podemos identificar em nosso estudo de caso o que apontou Fotta sobre os Calons na Bahia: “Money becomes a technology for fabricating Calon life-worlds in the midst of non-Gypsies” (2016, p. 102).

Referências

- BART, Fredrik.
(1998). Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTGNA T, P; FENART-STREIFF, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Difel, (185-227).
- BOURDIEU, Pierre.
(2008). Efeitos de lugar. In: BOURDIEU, Pierre (Org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes. (159-166).
- BRAZZABENI, Micol; CUNHA, Manoela Ivone; FOTTA, Martin.
(2016). Introduction. In: _____. *Gypsy Economy: Romani Livelihoods and Notions of Worth in the 21st Century*. New York: Berghahn.
- CAVALCANTE, Janeide da Silva.
(2021). “Sou mais cigano que morador”: Relações interétnicas e a questão da identidade cigana em São João do Paraíso (MA). Dissertação (Mestrado em Sociologia), Imperatriz- MA.
- (2018). *Ciganos em São João do Paraíso (MA): De andadores a moradores*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Sociais), Tocantinópolis, TO.
- CONCEICAO, Wellington da Silva; CAVALCANTE, Janeide da Silva.
(2019). “Nossa casa era o chapéu”: o nomadismo como elemento de identidade e o processo de fixação de ciganos em São João do Paraíso (MA). *O público e o privado*, v. 1, p. 311-328. <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2226>
- CONCEIÇÃO, Wellington da Silva.
(2018). “Sossega, moleque, agora você mora em condomínio”: segregação, gestão e resistência nas novas políticas de moradia popular no Rio de Janeiro. Curitiba: Appris.
- CUCHE, Denys.
(1999). *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC.
- DAY, S., PAPATAXIARCHIS, E.; STEWART, M.
(1998). ‘Consider the Lilies of the Field’. In: _____. *Lilies of the Field: Marginal People Who Live for the Moment*. Boulder, CO: Westview Press, pp.1-24.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L.
(2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FERRARI, Florencia.
(2010). *O mundo passa: uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros*. 2010. 380f. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo.
- (2002). *Um olhar oblíquo: Contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano*. Dissertação (Mestrado em Antropologia social), PPGAS, USP, São Paulo.
- FOTTA, Martin.
(2012). ‘The Bankers of the Backlands: Financialisation and the Calon-Gypsies in Bahia’, Ph.D. diss. London: Goldsmiths College, University of London.
- (2017) ‘Money on the street’ as a hoard: how informal moneylanders remain unbanked. In: *Social Analysis*, vol. 61, Issue 4, Winter, 98-113.
- GOFFMAN, Erving
(2013). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- (2004). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; DANTAS, J. A.
(2020). O trabalho formal/ Negócios entre os ciganos: encontros e desencontros. *Política & Trabalho* (UFPB, Impresso), v.1, p. 145 -163.
- HERZFELD, Michael
(2008). *Intimidade Cultural: poética social no Estado-nação*. Edições 70, Ltda.
- LEITE, Wátia Cirqueira.
(2020) *Interações sociais e o estigma: Um estudo das relações sociais entre Calon do bairro Madre Paulina e os gadjes em Estreito/Ma*. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Sociais), UFT, Tocantinópolis-TO.

- MAUSS, Marcel.
(2003). *Sociologia e Antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify.
- MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto;
ALCÂNTARA, Marcilania Gomes.
(2020). Teoria e experiência em diálogo: perspectivas para pensar o direito à escolarização entre ciganos. In: BRASIL, Ministério Público Federal. *Coletânea de artigos*; povos ciganos: direitos e instrumentos para sua defesa/ 6ª Câmara de Coordenação e Revisão, Populações indígenas e Comunidades Tradicionais – Brasília: MPF, 2020.
- MONTEIRO, Edilma do Nascimento.
(2019). Tempo, redes e relações: uma etnografia sobre infância e educação entre os Calon. Tese (Doutorado em Antropologia Social) pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis.
- PEREIRA, Cristina da Costa.
(2009). *Os ciganos ainda estão na estrada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- PIASERE, L. Mare Roma.
(1985). *Catégories humaines et structure sociale*. Une contribution à l'ethnologie tsigane. Paris: Paul H. Stahl.
- PRADO, R. M.
(1995). Cidade pequena: paraíso e inferno da pessoalidade. In: *Cadernos de antropologia e imagem*, n. 1, p.31-56.
- ROCHA, Ana Luísa Carvalho da; ECKERT, Cornelia.
(2008). Etnografia: Saberes e práticas. *Revista Iluminarias*, v. 9, n. 21.
- SARTI, Cinthia Andersen.
(1994). *A família como espelho*: Um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo. Tese (doutorado em Antropologia) pela Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SOUZA, Mirian Alves.
(2017). *Ciganos, Roma e Gypsies*: projeto identitário e codificação política no Brasil e Canadá. Rio de Janeiro: Autobiografia.
- TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa.
(2009). *Ciganos no Brasil*: Uma breve história. 2.ed. revista. Belo Horizonte: Crisálida.
- WEBER, Max.
(1999). *Economia e sociedade*: fundamentos da sociologia compreensiva. Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- WHYTE, William Foote.
(2005). *Sociedade de esquina*: a estrutura social de uma área pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Recebido em
setembro de 2022

Aprovado em
outubro de 2023